



Floresta pesquisada vai a debate na conferência.

Resultados de pesquisas na Amazônia vão a conferência

BARCELOS (AM), (AE) - Em quinze dias de barco pelos rios Negro, Demene e Cuieiras, no Estado do Amazonas, os pesquisadores da expedição Demene levantaram os dados essenciais para a execução do zoneamento econômico-ecológico da região. As equipes voltam a São Paulo, quando passam a tratar os dados em computador. Os resultados serão editados com uma série de mapas e apresentados ao público e às autoridades na Conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente e desenvolvimento (Rio-92), em junho do próximo ano.

A expedição Demene foi uma iniciativa da Agência Estado (AE) e do Núcleo de Monitoramento Ambiental (NMA-Embrapa), com apoio da Universidade Paulista (UNIP-Objetivo). Oito pesquisadores, quatro jornalistas e quatro educadores partiram de Manaus em meados de agosto para o Alto Demene, um Rio que nasce na fronteira com a Venezuela, no hemisfério Norte, atravessa o Equador e percorre cerca de 500 quilômetros no sentido Norte-Sul até desembocar no Rio Negro, na altura da cidade de Barcelos, 430 quilômetros a Noroeste de Manaus.

O Alto Demene foi a região escolhida para se executar um primeiro exemplo de zoneamento por sua imensa diversidade ecológica. Mais de 30 sistemas ecológicos diferentes ocorrem nas margens desse Rio. Além da mata de Várzea Inundável e da floresta de Terra Firme, que ocorrem em quase toda a Amazônia, o Rio Demene corta extensos palmeirais, charcos, areias semi-desérticas, cerrados e campos, com diversas composições vegetais. Um dos afluentes importantes do Alto Demene, o Igarapé Cuieiras, contorna morros de arenito onde cresce uma vegetação muito particular. Os morros sobressaem na paisagem com seus 300 metros de altitude em meio a planície amazônica e funcionam como ilhas para a fauna, provavelmente abrigando espécies endêmicas.

Nestas formações vegetais, a ocupação humana é baixíssima. Os moradores sobrevivem do extrativismo e do plantio de mandioca, obedecendo a uma sazonalidade determinada pelo regime das águas. Uma das primeiras conclusões que a expedição permite tirar é a de que essa população está no limite da sustentabilidade

de do ambiente. Para Evaristo Eduardo Miranda, coordenador da equipe do NMA, "os povoados se localizam no melhor lugar, ecologicamente falando: estão nos únicos pontos onde a floresta de terra firme encosta na beira do Rio".

Segundo Miranda, além da caça e pesca, aí eles aproveitam tanto os produtos extraídos de terra firme como os das zonas inundáveis. "Extraindo produtos diversos, eles sobrevivem nesta região de solos extremamente pobres, sem exercer uma pressão excessiva sobre os recursos e assim mantêm sua capacidade de regeneração natural. "Essa região não comporta mais gente, nem atividades aéronavegáveis ou um extrativismo mais intenso e deveria permanecer como está nos próximos anos, sob risco dos recursos naturais entrarem em colapso", acredita o pesquisador.

Já o enigma dos palmeirais foi mais difícil de encaixar no quebra-cabeças. Para entender por que eles cobrem extensas áreas onde também deveria existir floresta densa úmida era preciso chegar até lá e o acesso é difícil nesta época do ano. Foram feitas várias tentativas até se chegar a esta formação

vegetal, onde predominam três espécies de palmeira (piacabarana, carana e buriti), entre arbustos menores, de 8 a 12 metros de altura. Essa vegetação é capaz de resistir ao tempo de cheia, quando fica com os "pés" inundados por água de chuva estagnada. Assim que o Cuieiras começa a baixar, a água estagnada esvazia a vegetação lança novas folhas. Em março, o palmeiral atinge o máximo de produção fotossintética. E o que dá a coloração verde-turquesa das imagens de satélite, obtidas naquele mês.

A compreensão desses e dos outros sistemas ecológicos identificados, sua interdependência e suas fragilidades, ajudará os pesquisadores a estimar o impacto ambiental de atividades humanas que eventualmente venham a exercer pressão sobre estes meios. Também podem ser traçados cenários futuros e planejadas formas de ocupação de menor impacto, com medidas de prevenção contra a destruição dos recursos naturais. "Compreendendo como funcionam os sistemas ecológicos podemos identificar e minimizar disfunções provocadas pelo homem", completou Miranda.